

**IMORTAIS DA ACADEMIA**  
**EPISÓDIO 25 – VIVO RETRATO DO BRASIL**

**01:00:17:18**

ABERTURA

**01:00:22:19**

OFF

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,  
Arte e ciência, pensamento e memória,  
Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.  
A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.  
Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,  
Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

**01:01:03:01**

**VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia**

**01:01:20:15**

**Alberto Venancio Filho – Atual ocupante da Cadeira 25**

O meu pai que era professor, engenheiro e professor de física, mas escreveu muito historia da educação, eu comecei a ler historia muito cedo por conta disso, O Afonso Taunay que era um grande historiador e morava em São Paulo quando vinha ao Rio visitava o meu pai e eu ficava só ouvindo a conversa dos dois, ficava interessado, eu tinha um interesse pela cultura.

**01:01:44:20**

**VIDEOGRAFISMO – Cadeira 25: Vivo retrato do Brasil**

**01:01:52:22**

**Alberto Venancio Filho – Atual ocupante da Cadeira 25**

Meu pai era grande entusiasta de Euclides da Cunha, leu vários livros do Euclides da Cunha, e por isso era também muito amigo do Afrânio Peixoto e em 1943 veio aqui ao Brasil o presidente da Bolívia, e o Euclides da Cunha tinha escrito um livro em defesa da Bolívia no conflito com o Peru, é um livro famoso Peru versus Bolívia, e esse presidente veio homenagear a Academia e trouxe uma placa do Euclides da Cunha. Eu tinha 09 anos, e meu pai me trouxe aqui para eu assistir a sessão com essa idade, ai me impressionou né, uma das coisas que me impressionaram, o presidente da Academia era o José Carlos de Macedo Soares era um homem muito austero, e eu sempre me impressionava com essa figura, me impressionou o General Peñaranda pelos alamares que ele tinha no uniforme, diz os meus amigos que eu comecei a campanha para a eleição nesse dia.

Quando meu pai morreu, eu perdi contato com essa pessoa né, a não ser o Roquette Pinto que nós chamávamos de vovô Roquette, uma figura muito ilustre né, mas a partir de um certo momento 1971, eu comecei a frequentar com um amigo meu a casa do Marques Rebelo que era acadêmico, e recebi em um domingo os acadêmicos, era o Lêdo Ivo, era o João Cabral de Melo Neto, Francisco de Assis

Barbosa, Antônio Houaiss, então eu digo na minha posse que esse grupo era o grupo dos rebeliões, porque nesse grupo eu fui criando ligações, vou ser um pouco modesto mas eu disse quando eu entrei pra Academia que a Academia passava a ser o “SAV”, Sociedade dos Amigos do Venancio, e felizmente tenho conseguido ajudar grandes amigos a entrar pra Academia. Você procura também, eu posso dizer que todos eles tem um grande mérito literário e estão todos trabalhando na Academia.

Os acadêmicos quando elegem alguém, elege pelas regras, elege pelo prestígio literário, e elege também pelo convívio que vai ter pelo resto da vida com o novo acadêmico.

Alberto Venancio Filho

Posse em 1992

**01:04:07:25**

**OFF**

Alberto Venancio Filho não foi o único na cadeira 25 a ter o primeiro contato com a ABL pela via familiar. Afonso Arinos de Melo Franco herdou o laço com a Academia junto com o sobrenome. Autor do célebre discurso contra Getúlio Vargas dias antes do suicídio do então presidente foi figura de destaque na política nacional.

**01:04:35:02**

**Flavio Tavares – Jornalista e escritor**

Sobre o, digamos assim, o velho Afonso Arinos, o ministro das relações dos exteriores, o jurista, só acompanhei a partir dos anos 1950, mais exatamente a partir de 1954, a partir dele como condutor da derrubada do presidente Getúlio Vargas. Ele que arma na câmara dos deputados, através do seu discurso a derrubada de Getúlio, como articulador das forças conservadoras. A fúria dele contra Getúlio, da qual ele deve depois ter se arrependido porque ele era um homem bom, porque a fúria dele contra o Getúlio tinha se agravado, primeiro era uma fúria política, mas depois se transforma em uma fúria pessoal quando ele recebe uma notícia plantada pelo Carlos Lacerda, notícia mentirosa, notícia pelo menos falsa de que os assassinos do irmão dele, do Afrânio de Melo Franco, que teria sido sucessor natural do Getúlio se não tivesse havido o estado novo em 1937, que tinha sido morto por um ladrão na casa dele, era agente do Gregório Fortunato que era o chefe da guarda pessoal do Getúlio. Então o crime do ladrão não era um crime do ladrão, era um crime político a mando do Getúlio Vargas que não era presidente ainda, tava fora, foi no governo Dutra isso, e aí que a ira dele se elabora ao maior.

Afonso Arinos de Melo Franco

Posse em 1958

**01:06:14:02**

**OFF**

“(…) devo reiterar que as razões mais influentes no meu espírito foram colhidas na experiência dos fatos e não na ciência dos livros. A observação do drama brasileiro desde a posse de Vargas, em 1951, passando pelo espetacular fracasso do seu governo e o triste fim de 1954, até à absurda crise de 1955,

de cujo desfecho, com o golpe de Estado de novembro, emergiu o frágil governo atual, não foi, para mim, atividade desinteressada e distante”.

*Presidencialismo ou Parlamentarismo?*

*Afonso Arinos de Melo Franco*

**01:06:57:10**

**Flavio Tavares – Jornalista e escritor**

O Afonso Arinos pode ter começado a apoiar a ditadura quando ainda nem era ditadura, quando se gestava o golpe militar, como ministro “das relações exteriores” do governo de Minas Gerais, que é quem dá apoio político ao golpe iniciado pelo Mourão Filho.

Então, aí o Afonso Arinos sendo o coordenador das relações dos exteriores do estado de Minas Gerais, o estado que deu o golpe, ele teve a sua primeira participação no que seria depois a ditadura, que não há golpe militar que leve a democracia.

Em 1961, aquela revolução entre aspas, ou não aspas, do Jânio Quadros eleito a presidente da república que foi uma revolução, revolução porque Jânio era uma figura palhacesca de um lado, um grande intelectual do outro, um grande político de outro, o Jânio era tudo na vida. Então, nesse aspecto foi uma revolução. E ele é o ministro das relações exteriores e faz a grande virada da política externa brasileira, ou seja, política externa independente, volta os olhos para África, volta não, quer dizer, põe os olhos na África, a África deixa de ser para o Brasil um empório de escravos, fornecedor de mão de obra escrava da antiguidade, da antiguidade brasileira, e o Afonso Arinos de Melo Franco, o velho Afonso Arinos é quem delineia como ministro das relações exteriores do Jânio a política externa independente do Brasil, que ele nem tem tempo de levar a diante porque o Jânio renuncia antes, o Jânio Quadros queria ser uma espécie de “TITO” da Iugoslávia, que era um comunista que tinha rompido com o Stalin, que tinha rompido com o comunismo e fez um comunismo próprio da Iugoslávia, o socialismo próprio como ele dizia. E o Jânio tinha essa história, “vou romper com os Estados Unidos e vou fazer algo próprio fora dos Estados Unidos” e o velho Afonso Arinos foi o mentor disso, aí eu acho que foi também o grande salto dele, e aí foi quando ele se redime daquela crueldade que tinha praticado contra o Getúlio, se redime no bom sentido, crueldade política, crueldade política doutrinária e ele é um congoçador, o velho Afonso Arinos como ministro das relações exteriores do Jânio Quadros é o congoçador da união, da unidade latino americana para se separar dos Estados Unidos ou manter uma postura independente dos Estados Unidos. Brasil e Argentina, Jânio Quadros e Arturo Frondizi presidente da Argentina. Depois disso, no governo João Goulart, no primeiro governo parlamentarista, o velho Afonso Arinos vai ser o chefe da delegação brasileira na ONU e depois em um breve interregno dos governos parlamentaristas, acho que foi no governo Brochado da Rocha ele foi ministro das relações dos exteriores de novo no parlamentarismo com o João Goulart como presidente da república. Aí a trajetória do velho Afonso Arinos se expande.

Jânio Quadros

Ex-presidente do Brasil

**01:10:02:09**

**OFF**

“Colocando-me fora da zona de influência dos meus próprios sentimentos e convicções, procurei, apenas, olhar o Brasil com olhos lúcidos, recolhendo da lição do passado e da experiência do presente, elementos para induzir o futuro. Concatenei dados existentes, a vista de todo mundo. Tirei deles conclusões imperativas, para uso dos intelectuais da minha geração.”

*Preparação ao nacionalismo*

*Afonso Arinos de Melo Franco*

**01:10:36:03 – VINHETA**

**Estamos apresentando Imortais da Academia**

**01:10:54:28 – VINHETA**

**Voltamos apresentar Imortais da Academia**

**01:11:02:12**

**OFF**

Como bem disse Alberto Venancio Filho em seu discurso de posse na ABL, “A cadeira 25 é, na multiplicidade dos integrantes, vivo retrato do Brasil”.

Por ela já passaram um baiano, um pernambucano, um mineiro, um fluminense, e um dos filhos mais ilustres da pequena pilar, na Paraíba: José Lins do Rego.

**01:11:32:13**

**Alberto Venancio Filho – Atual ocupante da Cadeira 25**

É uma cadeira muito variada, o patrono é o Junqueira Freire que é um poeta notável, e quis um grande amigo o Franklin Dória, que depois se tornou o Barão de Loreto, então o Barão de Loreto, Franklin Dória escolheu o Junqueira Freire como patrono da cadeira, ele teve só... Na juventude escreveu um livro de poesia, mas teve uma atividade bem em publico e era um grande jurista também. No falecimento dele candidatou-se Artur Orlando que era um professor de Recife, filósofo e que teve uma atuação muito importante. Na morte dele elegeram-se Ataulfo de Paiva que é uma figura característica da, o que chamamos, “Belle Époque”, é um homem que ia aos enterros e as missas, ele foi um membro da Academia Brasileira de Letras em um período importante, foi ministro do supremo também num período importante, mas era o homem da época né, prestava muitos favores, depois do Ataulfo de Paiva veio o José Lins do Rego que dispensa comentários, mas que era uma coisa deselegante, traçou esse quadro, vamos dizer, mais ridículo do Ataulfo de Paiva

Franklin Dória

Fundador da Cadeira 25

Artur Orlando

Posse em 1907

Ataulfo de Paiva

Posse em 1918

José Lins do Rego

Posse em 1956

**01:12:54:24**

**Claudete Daflon – Doutora em Letras**

O José Lins ele começa o discurso dizendo que é um homem de fala direta e como homem de fala direta, ele agradece e ele considera que a Academia tem uma flexibilidade necessária a renovação e tudo mais, e a partir daí ele faz uma crítica absolutamente dura ao Ataulfo de Paiva que foi o seu predecessor na cadeira. Ele até começa falando do patrono que é o Junqueira Freire, mas depois ele foca boa parte do seu discurso no Ataulfo de Paiva, chamando de bajulador, arrivista, homem dado à vaidade as aparências, e que nada contribuiu nem pro mundo das letras, ele chega a dizer que ele não devia nem gosta de poesia, que sequer lia e que não tinha razão para uma figura daquela constar dentro dos quadros da Academia. Então, essa atitude no discurso de não ter meia palavra, então assim “eu vou ser direto e eu entendo que quando a Academia me aceitou, me aceitou entendendo que eu era esse homem da fala direta”. E aí uma referência minha, eu associo com personagem, que é um personagem muito bonito que é o Vitorino, capitão Vitorino papa-rabo. É o papa-rabo, o capitão Vitorino é aquele que tem a coragem de falar as coisas, então ele fala, e é um personagem que em “Fogo Morto” ele aparece como um personagem Quixotesco, inicialmente como ridículo e no final como puro, e exatamente por ser o puro é que ele não tem papa na língua.

**01:15:18:27**

**OFF**

“A tropa saiu com o capitão Vitorino Carneiro da Cunha todo amarrado de corda, montado na burra velha que os soldados chicoteavam sem pena. Corria sangue da testa ferida do capitão. A luz vermelha da madrugada banhava o canavial que o vento brando tocava de leve. Marchava o capitão na frente da tropa, como uma fera perigosa que tivessem domado com tremendo esforço. Os moradores vinham olhar e os homens se espantavam de ver o velho que todos sabiam tão manso, amarrado daquele jeito. Vitorino falava alto: — Estes bandidos me pagam.”

*Fogo morto*

*José Lins do Rego*

**01:16:09:12**

**Claudete Daflon – Doutora em Letras**

Então, esse personagem me parece ali naquele discurso um pouco espelhado naquele letrado que toma posse, e diz: “Eu vou ser direto, e eu vou dizer o que eu penso”. E também tem haver um pouco com o movimento que, talvez ele vai ter ainda no nordeste porque ele vai fazer uma amizade, que é uma amizade vital no percurso dele que é a amizade com Gilberto Freire e depois ele acaba fazendo parte de um círculo privilegiado de escritores em Alagoas, o Graciliano Ramos, o Jorge de Lima, Raquel de Queiroz. E nesse percurso dele, ele vai afirmando um fazer literário do nordeste em diferença ao modernismo de São Paulo, e é claro isso tem uma influência do próprio pensamento do Gilberto Freire quando o Gilberto Freire diz assim: “Olha, isso que o pessoal lá de São Paulo tá fazendo e tal é muito uma imitação do que tá acontecendo na Europa, das vanguardas. Eu acho que a gente tem que olhar pra tradição, tem que repensar as nossas tradições...”, também uma história de um Brasil muito dividido, de um nordeste que tem as suas particularidades e que não são consideradas enquanto tais, ao ponto de se discutir o regionalismo como uma espécie de pecha, na verdade o regionalismo se tornou uma marca negativa de uma determinada literatura, literatura regional é uma literatura menor, e o que ele tá

fazendo ali junto com aquele grupo de escritores é assumindo um caráter regional pensando numa tradição, mas ao mesmo tempo participando de um processo de formação, de instituição de um caminho pro romance na década de 1930, 1940 até a década de 50 quando ele falece.

**01:18:12:16**

**Roberto Acízelo de Souza – Doutor em Teoria da Literatura**

Ele próprio propôs uma segmentação da obra dele que ele chamava de ciclos. Ele se tornou, eu suponho, muito mais notório pelo ciclo da cana de açúcar, tem alguns romances que ele acha que correspondem a esse ciclo, mas tem outro ciclo que é o ciclo do cangaço, misticismo e da seca que ele produziu, se eu não me engano, são só dois romances o “Pedra Bonita” e o “Cangaceiros”, mas eu acho que a contribuição dele tá aí, quer dizer, nesse modernismo que não precisava mais daqueles escândalos, daquela coisa de afrontar os hábitos de leitura do público que é o primeiro modernismo né, um modernismo que já corresponde mais a expectativa do gosto médio, mas ao mesmo tempo com uma dicção brasileira que já entra como se fosse uma coisa natural, não é mais algo forçado como talvez os primeiros modernistas tentaram. Então, eu acho que é por aí, essa questão de você ter o português do Brasil, muito já digamos, bem sucedido em termos assim de rendimento literário.

**01:19:24:20**

**OFF**

“Bento quis acompanhá-la; de súbito, porém, chegou-lhe a certeza de que seria melhor ficar. Não tinha coisa alguma para dar-lhe, de fato. Seria na certa um estorvo para a moça. Era um irmão de cangaceiro. Era um filho de gente possuída de má sina. Deixou-se ficar parado. Viu Alice seguir de estrada afora e lágrimas chegaram a seus olhos. Não. Teria que seguir, teria que derrotar o medo de sua vida. E gritou para a moça. Ela parou, voltando-se para ele. Apressou os passos e os dois se beijaram, com a maravilha da manhã de julho cobrindo aquele amor que não se continua.”

*Cangaceiros*

*José Lins do Rego*

**01:20:17:21**

**Claudete Daflon – Doutora em Letras**

Eu acho que a forma como ele trabalhou a memória, e relacionou isso com as questões regionais, ligadas inclusive ao grupo de escritores com que ele se identificava foi singular e inclusive na maneira como ele situa experiências biográficas na sua produção literária sem tornar seus livros uma mera escrita de si, não é uma escrita de si, a elaboração ficcional é evidente, então, por exemplo, em “Menino de Engenho” que você pode fazer “n” relações porque afinal de contas ele foi um menino órfão que foi morar lá no engenho do avô né, ele inicia com uma orfandade derivada de um crime que não foi, absolutamente, o caso dele. Fazer essa opção é entrar de sola com um elemento ficcional pra dismantelar um pouco a ideia de qualquer leitura pela auto biografia né, não é auto biografia é ficção. Então, eu acho que ele se colocou essa tarefa de pela memória reconstruir um tempo, uma existência que foi uma existência individual, pessoal, mas também foi uma existência social e eu acho que ele foi bem sucedido nisso.

**01:22:04:23 - VIDEOGRAFISMO**

Cadeira 25:

Patrono – Junqueira Freire

Fundador – Franklin Dória

Arthur Orlando

Ataulfo de Paiva

José Lins do Rego

Afonso Arinos de Melo Franco

Atual – Alberto Venancio Filho